

Para uma leitura feminista dos contos de Deolinda da Conceição

*Veiga de Oliveira Celina Maria**

Deolinda da Conceição – Uma visão feminina em tempos de guerra

Em 2013, ano em que se assinalou o 100.º aniversário do nascimento de Deolinda da Conceição, o Conto mereceu uma atenção especial da Academia Sueca, ao atribuir o Prémio Nobel da Literatura à canadiana Alice Munroe, a uma das melhores cultoras da short story, ou Conto, elevando por esta via, o estatuto literário deste género narrativo.

Começemos com uma interrogação. Poderemos considerar Deolinda Conceição, escritora macaense, uma feminista? Podemos afirmar que o feminismo de Deolinda da Conceição não está expresso, mas subentendido, na sua obra.¹

Os seus contos têm como tema central, a mulher – essa discreta ou ignorada outra metade do céu. A maioria deles, são uma denúncia da sua situação de subalternidade. Curioso é que essa denúncia é sempre feita com uma grande dose de ternura, como que existisse uma identificação entre a mulher escritora e a mulher sofredora, triste, humilhada, das suas histórias.

Os universos espaciais de *Cheong-Sam, a Cabaia*.

Em vinte e sete contos deste livro, o enredo decorre na China continental. Mas há histórias cuja acção se passa em ‘não-lugares’, na linha do

* Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Vice-Presidente da Comissão Asiática da Sociedade de Geografia Investigadora de temas sobre a presença portuguesa no Oriente.

¹ Apesar de subentendido, o feminismo tornou parte activa na vida de Deolinda da Conceição. Enfrentou, no seu tempo, um ambiente social que estigmatizava a mulher divorciada. Deolinda contraiu matrimónio, em primeiras núpcias, com Luís Alves, de quem se veio a divorciar. Voltou a casar em 1948 com o Dr. António Maria Conceição. Faleceu em 1957, um ano após a publicação da primeira edição em Portugal, do seu primeiro e único livro, *Cheong-Sam, a Cabaia*, publicado pela Livraria Francisco Franco.

etnólogo e antropólogo Marc Augé², “pela não-referência” ou “ausência de referência”, em qualquer momento de forma directa a Portugal. No conto «O calvário de Lin Fong», a jovem chinesinha é seduzida e abandonada por um «ele», que viera de Sai Iong, ou seja, de Portugal (o que nos recorda instintivamente a história de Madame Butterfly da célebre ópera de Puccini).

Do mesmo modo, Macau é também um “não-lugar”, porque, com a excepção de uma nota de rodapé com a tradução de *Ou Mun* = Macau no referido conto, quando refere a «Sai Iong Cuai» (Demónios do Ocidente, significando os Portugueses) se fala expressamente de Macau, a que a escritora chamou «terra da promessa».

Este conto é, aliás, significativo porque integra dois “não-lugares”, Macau e Portugal, elementos simbólicos do poder para quem procura, fugindo da guerra, um ponto de apoio. Representam a autoridade, que tem o poder de proibir a aglomeração de refugiados nas vias públicas, ordenando a dispersão. No entanto, a voz autoritária, a voz da ordem, do poder, era também capaz de adquirir um timbre melódico, tocada pela compaixão, como quando certa vez distribuiu por aqueles infelizes «pães quentinhos, tostados, adoçados com uma compota saborosa».

A invocação final a pedir que o «Buda conserve estes *sai iong cuai* por longo tempo nestas paragens»³ pode ser interpretada como uma chamada de atenção para a diferença entre a vida de Macau e o incêndio de guerra que a rodeava, e/ou como que uma prece da autora para que o território continuasse a manter o estatuto político que lhe permitia usufruir de paz e de (relativa) tranquilidade.

O novo mundo, representando o sonho americano, ou o cais, permitindo a partida para esse mundo (em «Conflito de sentimentos»), ou a fuga à responsabilidade (em «O Calvário de Lin Fong») são outros espaços presentes que nunca atingem no entanto, a força do universo chinês.

A China é, de facto, a grande referência espacial dos contos inseridos no livro. As acções tanto ocorrem na cidade, que aparece como lugar de riqueza, de cosmopolitismo, de abertura ao mundo (através da presença

² Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês, que, no seu livro *Não-Lugares*, de 1995, cunhou o termo “não-lugar” para se referir a lugares transitórios.

³ Deolinda da Conceição, *Cheong-Sam, a Cabaia*, ICM, IPOR, Macau, 1995: 61.

ocidental nas cidades portuárias), e de pecado, como o jogo, os bordéis e os *dancings*, mas também, após a invasão nipónica, a um lugar de perigo; bem como, na aldeia, o espaço das tradições milenares, dos arrozais, da pobreza, da superstição, das grandes injustiças, onde é fácil vender as filhas indesejadas ou manter a mulher num estatuto de subalternidade.

Os temas

Há temas que de um modo quase transversal perpassam todos os contos. O mais presente, o factor ruptura, é a invasão nipónica, que altera a vida de milhões de seres humanos.

A guerra é o *leitmotiv* avassalador, destruidor de famílias, de fortunas, de cidades e de aldeias e que vai arrastando para sul, multidões de fugitivos em busca de um abrigo.

Isso é evidente em alguns dos contos nomeadamente «Cheong-Sam», «Vingança desumana», «O romance de Sam Lei», «O Modelo», «O desabrochar duma vida nova», «A louca».

A presença dos japoneses divide a acção em dois tempos: o curso normal das existências e a sua interrupção, com o desfile de toda a sorte de horrores, fugas, misérias, sofrimentos e mortes.

A tradição, que conferia à mulher, um papel subalterno, oprimido, de obediência a princípios confucianos que cristalizavam no pai, no marido e nos sogros, o estatuto de autoridades absolutas, é também um tema comum nos escritos de Deolinda da Conceição.

Em «O refúgio da saudade», dois jovens sem nome acabam por se apaixonar: o arquitecto, recentemente chegado da Europa e a linda rapariga chinesa, filha de uma distinta família, que frequentara escolas europeias, mas que, sem conseguir quebrar os grilhões tradicionais que a família lhe impunha, aceitou o cumprimento dos seus deveres filiais, o que significou sujeitar-se ao marido escolhido pela família e afastar-se daquele que amava. O final é naturalmente trágico, com o suicídio da jovem enamorada e o cartão que deixou como testemunho da sua obediência: «Cumprir a minha promessa».

Mas a pobreza, a doença, a fome, o frio, a infância sem protecção, também são temas recorrentes nos seus contos e apontam para o universo de Dickens, com todo o seu cortejo de órfãos, de mães esqueléticas, de dependência da caridade alheia que caracterizam a sociedade britânica da

revolução industrial, e que Deolinda da Conceição deixou bem marcados em «Aquela mulher».

Aqui, a ‘mãe-coragem’, que preferiu ceder os seus direitos maternos a uma família rica para evitar que os filhos morressem à fome, remete para a mãe bíblica que, perante a eventualidade do seu filho ser dividido ao meio, por sentença de Salomão, se dispõe a entregá-lo inteiro à falsa mãe.

Como é conhecido, a sociedade tradicional chinesa desvalorizava as crianças do sexo feminino.

Em *Macau no Diário de Viagem de Adolfo Loureiro*⁴, este afirmou que, «enquanto professam uma grande indiferença, e mesmo desgosto pelas filhas, orgulham-se e entusiasmam-se os chins pelo nascimento de um filho, que virá um dia a ser o seu herdeiro, herdeiro dos haveres, dos princípios, das tradições de seu pai. (...) Enquanto se ensoberbeciam, quando tinham um ou muitos filhos, procuravam ao mesmo tempo desfazer-se das pobres raparigas, que não era raro imolarem, matando-as moral ou fisicamente, isto é, lançando-as à prostituição, ou mandando-as para o outro mundo (...)».

Naturalmente que este bárbaro costume teria de ser abordado pela escritora, que brilhantemente usou como processo de denúncia, a dor imensa de uma mãe, escravizada pelo marido e pelos sogros, que fugiu da aldeia natal com a filha Anui, de dois anos, atada às costas.

Esta mãe, apesar de ir ao templo muitas vezes «bater cabeça» para pedir um filho varão, tivera só filhas, todas vendidas por imposição familiar. Restava-lhe Anui, que o marido decidira também vender para agradar aos pais e com esse dinheiro, «requestar a moça forte e robusta que trabalhava nos arrozais próximos», que lhe daria, finalmente, «o filho que saberia prestar culto no altar dos seus antepassados».

É esta Anui que já a viver em Macau, sonha com os sapatinhos bordados, num dos mais enternecedores contos de Deolinda da Conceição.

O Ano Novo Lunar é outro tema, embora lateral. A escritora serve-se desta festividade chinesa para incorporar, durante as celebrações, histórias por vezes contrastantes.

⁴ *Macau no Diário de Viagem de Adolfo Loureiro*, Kazumbi, Região Administrativa Especial de Macau, Abril, 2000: 164.

A tragédia de «Os sapatinhos bordados de Anui» ocorre durante as celebrações do Ano Novo. Em «Vingança desumana», que enaltece os princípios confucianos de amor ao próximo⁵, um pai, que os põe em prática, é confrontado com a cupidez e a traição de um antigo serviçal, que lhe raptou a filha, para exigir um pesado resgate.

Enquanto no exterior os panchões estrelejavam alegremente, no interior da casa vivia-se com ansiedade o momento da restituição da filha, cumprido o pagamento do resgate. Mas o que aparece é o cadáver da jovem, com um cordel de seda apertado por um garrote.

Muitos outros aspectos trágicos, ou pelo menos tristes, são retratados nestes contos, numa exposição doce, que não retira força à narrativa, antes a revigora, como a maldade e a superstição, que atingem cruelmente a mulher, enquanto, ser que não tem, como deveria ter, um lugar ao lado da outra metade do céu.

A autora, sempre que vem a propósito, enaltece a beleza e a fragilidade – aparente - da mulher chinesa, associando-as à bondade e à coragem de que dá provas, em imagens que nos recordam a tradição ‘cindereliana’ dos contos infantis. Como exemplo, «O casamento de Vong Mei», que contém todos os ingredientes clássicos: a bela jovem, órfã de mãe, a madrasta má e as meias-irmãs, feias e opressoras, só faltando o *happy end* com o príncipe encantado. Neste conto, o final, de tragédia e de misticismo, responde ao cânone de narrativa com final surpreendente.

O penúltimo conto, «Fatalismo oriental», merece um comentário pela enorme sensibilidade que revela. A autora, que em muitos contos se refere à guerra que martirizou a nação chinesa, provocada pela invasão nipónica, não se deixou por este facto, de narrar um conto japonês.

A japonesinha Ito San, de quimono vestido e de passos miudinhos, apesar do terror que o marido lhe inspirava, afrontou-o, pedindo-lhe que lhe desse uns cobres para chamar a curandeira. O seu filho pequenino ardia em febre e precisava de cuidados.

A criança melhorou com o curativo, mas veio a morrer sufocada com o hálito impregnado de álcool do pai, bêbado, que se deitara a seu lado.

⁵ «O que tu não queres que te façam a ti não faças aos outros», *Analectos*, 12:2, 15: 23, Wang Bin, «Deus e Tian: paradoxo de representação do que está para além da representação», RC, n.º 21 (2.ª série), Outubro-Dezembro de 1994, ICM: 101.

Destroçada, Ito San recordou a sua infância na quinta dos pais em Hiroshima, tempo de felicidade até à tragédia da bomba atómica, que lhe roubou a família e os haveres, só ela escapando por um acaso da vida. Privada de tudo, teve a coragem de se libertar, usando como recurso o suicídio, com todos os outros filhos, no rio da aldeia.

Que leituras a extrair deste conto? Deolinda da Conceição sabia separar as águas: se o povo chinês sofrera com a invasão nipónica, o mesmo acontecera com o povo japonês, igualmente vítima dessa guerra; por outro lado, a opressão da mulher era uma realidade praticamente universal no seu tempo, como Deolinda da Conceição, jornalista esclarecida, bem o sabia.

Mas nem tudo são cores escuras. Há também momentos luminosos, como os que viveu Mei Fong, em «Uma profecia que não se realizou», e Cam Mui, em «O Novo Ano de Cam Mui». Em ambos os contos, o amor acabou por ser o principal protagonista.

Luminosas são também as atitudes corajosas de todas as mulheres que, recalcando humilhações, afrontas, desgraças e atropelos da vida, recomeçam a viver, tal e qual uma fénix renascida, como Sam Lei, em «O romance de Sam Lei», ou Daphne, em «O Modelo».

Feminismo subtil

Nas suas histórias, Deolinda da Conceição não alude deliberadamente, em nosso entender, nem à mulher macaense, como ela era, nem à mulher portuguesa «metropolitana», de quem formulara alguma opinião pelas que viviam em Macau.

Falando da mulher chinesa, mas no fundo referindo-se a todas as mulheres, a autora resguardava-se de críticas e obtinha o resultado que pretendia. Afinal, denunciar a mulher e a sua situação, num tempo de domínio das regras do homem, era o seu objectivo.

E aqui reside o seu feminismo, um feminismo subtil, se assim o quisermos apelidar, não usando as fórmulas clássicas da contestação radical ou moderada, mas a inteligência e a atitude de uma mulher que entendeu que o mundo poderia ser melhor, se, como ela dizia, os homens «deixassem falar o coração».⁶

⁶ *Cheong-Sam, a Cabaia*, «O desabrochar duma nova vida»: 89.